

UNICAMP

EVENTO: Tom Waits
 Recriação de Ópera de Weber
 VEÍCULO: O Estado de São Paulo
 DATA: 14 de dezembro de 1993
 PÁGINA: D 09
 SEÇÃO: Caderno 2



CADERNO 2

TEATRO

Tom Waits recria 'Freischutz' com ajuda de Bob Wilson

A ópera de Weber recebe uma nova leitura no musical 'The Black Rider', que acaba de ser lançado em disco nos EUA

SONIA NOLASCO

NOVA YORK — A voz de Tom Waits é a mesma, um lamento ensopado de gim e cinismo, treinada em bares de beira de estrada, com um coro de motoristas de caminhão. Não é para palcos bem-comportados. Mas Waits se apresentou no teatro, em *The Black Rider*, cantando canções que ele compôs, e muito à vontade com o libreto do avatar junkie William S. Burroughs, e direção de Robert Wilson, conhecido como excêntrico, distante, criador de rituais glaciais de teatro. O anti-Tom Waits.

The Black Rider, que acaba de encerrar curta temporada, no Festival New Wave, da Brooklyn Academy of Music, prometendo voltar em 94 por um mês, não se descreve numa só palavra. Waits diz

que é tragicomédia musical com surpresas demoníacas. Wilson acha que é um cabaré típico de Hamburgo (de onde veio, do Thalia Theater, um dos mais importantes da Alemanha). Com esses dados, imagina-se o *Rocky Horror Picture Show* cruzado com *O Gabinete do Caligari*. Uma linha da qual Antunes Filho e Cacá Rosset são mestres: psicodrama ex-

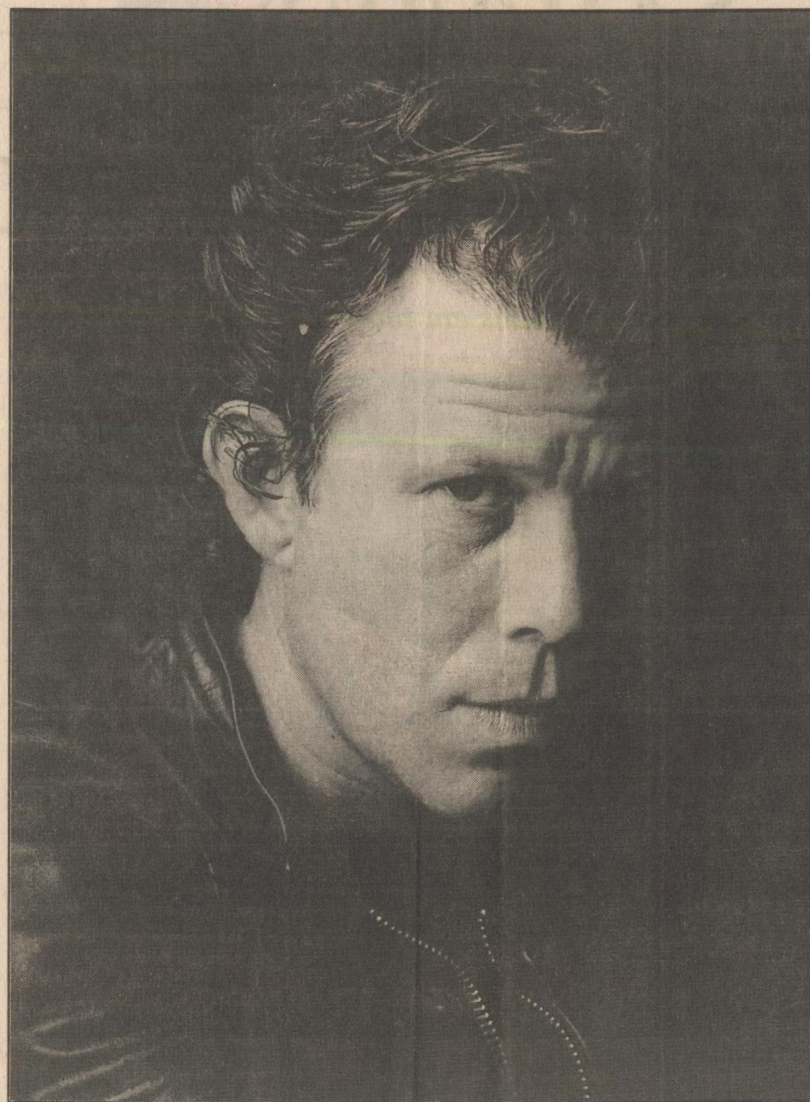
pressionista, filme mudo, slapstick Mack Sennett, maravilhas high-tech, teatro japonês, doideira lounge lizard.

A história, revisada por Burroughs, é o fantasma pós-moderno de uma lenda alemã do século 19 que já foi a base de uma das primeiras grandes óperas, *Der Freischutz*, 1821, de Karl Maria von Weber. Naquela ópera, e na montagem atual, um jovem atirador, Wilhelm, faz um pacto com o diabo: em troca de seis balas mágicas, que acertem no que ele quiser, e lhe garan-

tam um torneio de tiro ao alvo no qual o vencedor ganha a mão da filha do caçador, Wilhelm dá ao diabo o direito de conduzir sua última bala, e essa mata a moça. Há versões em que a tragédia acaba bem. Mas Burroughs sabe qual é a verdade: em 1951, brincando de Guilherme Tell

com sua mulher, Joan Vollmer, pioneira no vício de benzedrina, matou-a com um tiro na cabeça. Pelo menos é o que o autor de *Almoço Nu* conta.

Essa produção do Thalia, que excursionou alguns países da Europa em 1992, é mais sardônica do que triste. Tem aspectos de *Freischutz*: os atores, todos de preto, em roupas adequadas ao ambiente de uma



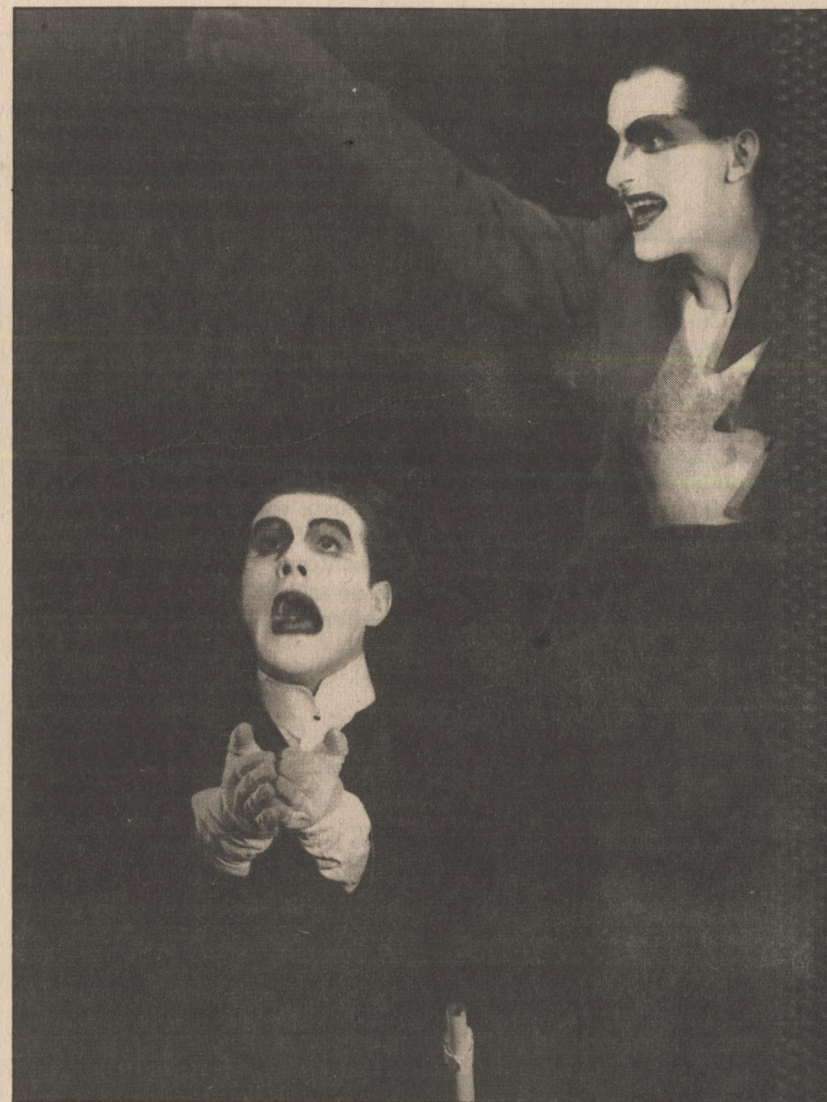
Waits: mistura de gim, coral de motoristas e cabaré de Weill

ópera de 1821. O palco é povoado de apetrechos e imagens típicas de Wilson, que sempre domina a produção que dirige: o rifle do tiro é de luz de gás neon e avança pelo palco devagarinho, ameaçador; um caixão preto, iluminado por trás; o diabo é uma figura campy, gênero Joel Grey em *Cabaret*. Usa fraque e tem modos afetados.

Wilson dispôs o espetáculo como uma sequência de telas vivas de intensidade alucinatória. Os 12 atores alemães, com maquiagem branca, movem-se pelo palco como em tango rasgado, os corpos rígidos, mas graciosos. De roupas punk e cabelos espetados, fazem a família Addams parecer normal.

Usam movimentos estilizados do Thalia e os característicos de Wilson: como se Buster Keaton imitasse Boris Karloff.

Nada disso é lúgubre. Os diálogos são de humor negro burlesco em alemão rimado, com pausas ocasionais para uma canção (Tom Waits, em inglês, com uma banda de oito músicos). Aí entra o rosnado barítono, em notas graves, de Waits, na sua maneira esculhambada, as palavras indistintas como um borrão. Suas composições cobrem vários idiomas musicais: valsa, vau-deville, rock, blues, cabaré, etc. A banda inclui banjo, fagote, trompete, viola, órgão, guitarra e outros.



Gerd Kunath e Klaus Schreiber em 'The Black Rider': diabólicos

Inspiradas pelo texto de Burroughs, as letras de Waits refletem imagens de caça, armas de fogo, melancolia, desalento, drogas ("bala mágica" seria a metáfora de Burroughs para o maior desejo do junkie). Waits conseguiu um pastiche pós-moderno de baladas folclóricas sarcásticas, músicas de circo e ecos de trilha sonora de Sergio Leone, além de danças russas, vocalises blues e um bocado de Kurt Weill. As letras, hilariantes, aliviam a platéia dos diálogos. Fornecem um comentário desvirtuado sobre o tema geral do espetáculo, a corrupção, concluindo que o mundo, ainda assim, continua bom.

O final é um carnaval niilista,

o carnaval do diabo, do qual Wilhelm passa a fazer parte. O disco *The Black Rider* (Island) começa nessa parte. O realismo estudado dos arranjos acústicos principais é o equivalente musical das gravuras em bloco de madeira do expressionismo alemão. Burroughs lança sua voz de taquara rachada na faixa *T'Aint No Sin*, acompanhado de uma charmosa marimba neo-primitiva e um dueto de clarinete baixo. Quando a música não é meramente acidental, nota-se na gravação um peso sombrio sobre a simplicidade estudada do estilo cabaré. Waits, como Weill, anda seguro na linha tênue entre deboche e sentimento.